

1 Introdução

O presente trabalho orienta-se para o estudo dos pronomes *tu* e *você* e das formas de tratamento no Português como Segunda Língua. Pretendemos apresentar a descrição que os alunos estrangeiros fazem do uso dos mesmos, mostrando os contextos (proximidade ou distanciamento) que estão propiciando-o. A partir dessa descrição, tencionamos analisar a construção da identidade lingüística desses aprendizes americanos no uso da nossa língua, partindo de suas identidades culturais, em contexto universitário nos EUA e no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, onde foi realizada a nossa pesquisa.

1.1. Justificativa

O interesse pelo tema justifica-se pela necessidade de se conhecer e descrever o uso dos pronomes e formas de tratamento no Português como Segunda Língua, e mostrar que o surgimento da variante *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa do singular, recentemente usada no Rio de Janeiro por determinados grupos sociais, é muito mais do que uma marca lingüística; é, também, uma marca da cultura brasileira, caracterizada pela proximidade nas relações interpessoais.

Sendo assim, é importante analisar a identidade lingüística construída por esses aprendizes americanos, enquanto usuários da língua portuguesa. O que faz com que um aluno use ou não determinado pronome e/ou forma de tratamento? Que impressão e opinião eles têm do uso? De que maneira os alunos estão construindo suas identidades? Quais são as suas opiniões quanto ao grau de formalidade e ao uso do pronome de tratamento *tu*?

Aqui eu nunca escutei... Em espanhol a gente tem o tu... a gente fala, se você fala com uma pessoa mais velha e aqui eu fico assustada que vocês não fazem muita diferença de pessoa grande adulta e velho!!

Até muitas vezes eu escuto e falo “Meu Deus, acho que tá falando muito mal”, mas porque eu não tô acostumada e quando a gente chegou, o meu marido ficava assustado porque ia no hospital e lá o seu professor você chama de professor

NUNCA pelo nome!! Aqui pra eu chamar Márcia pra Márcia é uma coisa... Lá a gente faz a diferença.¹

Este questionamento foi nossa motivação. Se um aluno falante de espanhol possui esse estranhamento, como reagiria um aluno americano, se na língua inglesa eles só possuem um único pronome de tratamento: “you”? Citando Revuz (2001): “Essa experiência, com efeito, não está ligada a tal ou qual característica psicológica ou cultural do próprio aprendiz, mas ao fato mesmo de expressar-se em uma outra língua”. (p. 227)

Entendemos que a não compreensão ou até mesmo a falta de conhecimento do tópico focado pode gerar mal-entendido por parte dos aprendizes estrangeiros e, conseqüentemente, uma forma de preconceito lingüístico e cultural.

Estudar o brasileiro é dar voz à língua falada e escrita aqui, neste país chamado Brasil, 92 vezes maior que Portugal, habitado por uma população quase 17 vezes mais numerosa. É perceber que todas as línguas mudam, que toda língua é um grande corpo em movimento, em formação e transformação, nunca definitivamente pronto. (Bagno, 2001, p.10)

1.2. Problemas

O uso do pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa do singular faz parte do dialeto dos jovens, pessoas de classe social baixa, e até mesmo entre pessoas de nível de instrução avançada, que não se encaixam nos grupos citados anteriormente, na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, essa variação lingüística ainda é desprezada por não estar descrita nas gramáticas normativas. Como conseqüência, encontramos entre os falantes nativos uma forma de preconceito lingüístico.

Quando os aprendizes de Português como Segunda Língua começam a vivenciar a língua em contexto de uso, deparam-se com muitas dúvidas. O tema constitui um grande problema em virtude de gramáticas, livros e materiais didáticos preparados para o ensino de Português para Estrangeiros enfatizarem, como as gramáticas normativas, a estrutura e não relacionando o pronome ao uso.

¹ Entrevista feita com uma aluna paraguaia, durante a coleta de dados para a Pesquisa Supervisionada.

Por desprezo ou falta de interesse por variantes não-padrões, o pronome *tu* não é apresentado. Isso gera uma confusão no uso, por uma não distinção com o pronome *você*, que é também usado com o verbo flexionado na terceira pessoa do singular, além de ser considerado um pronome de tratamento padrão.

No nível mais amplo, pretendemos apresentar os contextos que propiciam as escolhas que os aprendizes fazem, e que influências eles estão sofrendo ao fazerem-na.

Interessa-nos verificar:

- Os alunos recorrem a livros didáticos extraclasse?
- Que formas utilizam para aperfeiçoar o aprendizado?
- Qual é a influência dos professores de Português para Estrangeiros?
- Há alguma transferência cultural e/ou de outras línguas?

1.3.

Revisão da literatura

Para entendermos melhor os pronomes e as formas de tratamento, foram utilizadas várias obras da literatura em português e algumas da língua inglesa. Do português usamos Meyer (1999), Mendes (1992), Souza (1996), Rocha Lima (2000), Cintra (1973) e Rodrigues et al. (1992). Ainda, em relação à língua portuguesa, nos foram muito importantes as considerações de Koike (1992) a respeito do uso por falantes nativos.

Da literatura estrangeira, nos foram de grande auxílio os textos de Ervin-Tripp (1972), que trabalha as formas de tratamento em algumas línguas, inclusive no inglês, e Brown & Gilman (1972), por seu importante trabalho sobre familiaridade e polidez a partir do *tu* e *vos* do Latim. Romaine (2000) iluminou-nos abordando o assunto e comparando diversas culturas, como por exemplo a norte-americana. Dessa maneira, podemos compreender a influência da cultura na escolha de determinados pronomes e/ou formas de tratamento.

A fim de observarmos a maneira como o tema estava sendo apresentado para os aprendizes estrangeiros, analisamos seis livros de Português para Estrangeiros:

Fala Brasil: Português para Estrangeiros, Interagindo em Português: Textos e Visões do Brasil, Falar... Ler... Escrever... Português: um curso para estrangeiros, Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação, Português Básico para Estrangeiros e Para a frente!, dentre os vários disponíveis no mercado.

Para entendermos os conceitos de língua e cultura, muitas foram as leituras feitas, que precisaram ser divididas em três grupos: o Interculturalismo, a Antropologia Cultural e a Sociolinguística Interacional. Com relação ao Interculturalismo, atentamos para as considerações de Bennett (1993) sobre Cultura Objetiva e Cultura Subjetiva e Stewart & Bennett (1991), que comparam o grau de formalidade em algumas culturas.

A Antropologia Cultural nos auxiliou para melhor compreendermos como se dá a relação interpessoal na sociedade brasileira. DaMatta (2001) defende a divisão da sociedade em dois espaços definidos como *casa*, onde temos uma relação de intimidade, e *rua*, onde a relação é de maior distanciamento. No entanto, o brasileiro tende a levar para a rua a proximidade da casa, caracterizando a nossa tendência quanto ao uso dos pronomes *tu* e *você* e de algumas formas de tratamento mais informais. Holanda (1995) advoga que “A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em geral, no desejo de estabelecer intimidade” (p. 148). Outras importantes considerações a respeito da proximidade e intimidade foram observadas por Harrison (1983).

A Sociolinguística Interacional colaborou com os conceitos de Wierzbicka (1991), Gumperz (1999) e Schiffrin (1994) sobre a interação social contextualizadas entre falantes de diferentes culturas e/ou classes sociais, identidade concebida a partir desta interação (Gumperz, 1982a). Para entendermos como se comporta a face dos participantes durante a interação interpessoal, abordamos os conceitos de Scollon & Scollon (2001). Ainda com relação à construção da identidade dos aprendizes americanos, enquanto usuários da língua portuguesa, foram usados artigos organizados por Signorini (2001), tais como o de Revuz, Chnaiderman, Kleiman e Serrani-Infante.

Para abordarmos o conceito de contexto segundo o Funcionalismo, usamos os estudos de Halliday (1989, 1994) em relação ao contexto de uso e contexto cultural. Utilizamos, também, os conceitos que Edward T. Hall (1998) caracteriza como *High-context* (HC) communication, quando as informações estão

internalizadas, sendo usadas em situações de maior familiaridade, e *Low-context* (LC) communication, quando as informações são mais formais e extensas, para tentarmos relacionar à classificação dos pronomes e das formas de tratamento.

1.4. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral descrever o uso dos pronomes *tu* e *você* e as formas de tratamento no Português como Segunda Língua.

Nosso objetivo específico é identificar os contextos que condicionam a escolha do uso, que será descrito, por falantes aprendizes do português, delineando a construção da identidade lingüística desses falantes.

1.5. Hipóteses

Os dados orais poderão nos mostrar um constante uso do pronome *você*. Para os aprendizes que estão imersos em nossa cultura, essa ocorrência pode se dar por uma possível influência exercida pelo contato com falantes nativos, ou por um possível estranhamento no uso do pronome *tu* + forma verbal de terceira pessoa; e no caso dos aprendizes nos EUA, por estarem assimilando o que os livros e os professores apresentam, considerando *você* o uso padrão. As formas de tratamento poderão nos apresentar uma forte influência da formalidade da língua inglesa, tanto para os aprendizes imersos na cultura brasileira, quanto para os aprendizes imersos na cultura norte-americana.

Esse uso, por parte dos aprendizes imersos em nossa cultura, pode comprovar uma forte identificação com a cultura brasileira e, conseqüentemente, estão construindo suas identidades lingüísticas através da interação interpessoal no dia-a-dia, fazendo uso das mesmas formas de tratamento usadas por falantes nativos, em contextos específicos, como com o professor, ou com o amigo. Enquanto isso, os aprendizes que estão nos Estados Unidos estão construindo uma identidade lingüística completamente influenciada por suas identidades culturais em sua língua materna, o inglês.

1.6. Organização do trabalho

Nosso estudo divide-se em seis partes. O primeiro capítulo, como pôde ser visto, é a introdução do nosso trabalho. O segundo capítulo tem como finalidade apresentar as teorias às quais o trabalho recorreu. Apresentaremos alguns conceitos fundamentais de língua e cultura, contexto, identidade e pronomes e formas de tratamento. Abordaremos, também, alguns aspectos relevantes da cultura brasileira que vão influenciar diretamente nossa análise, tais como a questão da proximidade.

No terceiro capítulo apresentaremos a metodologia utilizada em nossa pesquisa para a coleta dos dados, os instrumentos empregados e os sujeitos da investigação.

O quarto capítulo consiste em mostrarmos como se deu e o resultado da análise dos dados, através das atividades e das entrevistas com alunos americanos em contexto universitário.

No quinto capítulo apresentaremos a análise de alguns livros didáticos e de metodologias adotadas por alguns professores de Português para Estrangeiros que foram entrevistados durante a pesquisa.

No último capítulo, finalmente, apresentaremos a conclusão final do nosso trabalho.